



Zé Maria

“Missão cumprida: Fortalecemos uma alternativa operária e socialista para nosso país”

Página 9

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR

NÚMERO 487

DE 15 A 28 DE OUTUBRO DE 2014

ANO 17

R\$ 2



Eles não nos representam!

Continuar na luta por um Brasil para os trabalhadores

Páginas 8 e 9

Revolta do guarda-chuva agita Hong Kong

Rebelião é muito mais do que a luta pelo direito ao voto

Página 12



“Trabalhador vota em Trabalhador”

O dia a dia de uma campanha operária em Belém

Página 5



Racionais MC's

25 anos dando voz à periferia

Página 13

■ **Apertem os cintos 1** – Christine Lagarde, diretora do FMI, já disse que espera que o próximo governo do Brasil faça as reformas trabalhistas e de infraestrutura para melhorar a produtividade dos trabalhadores e ter reflexos positivos na confiança dos investidores.

■ **Apertem os cintos 2** – Em outras palavras, seja qual for o governo, a recomendação do FMI continua sendo jogar a conta da crise nas costas dos trabalhadores, intensificando a flexibilização de direitos.

Bico tucano

O governador eleito do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), sinalizou que apoiará, no segundo turno, o tucano Aécio Neves. Dino derrotou Lobão Filho (PMDB), representante do grupo do senador José Sarney. Lobão também foi apoiado pelo PT e por Dilma nas eleições. O vice de Flávio Dino é Carlos

Brandão, do PSDB, e o candidato da coligação ao Senado foi Roberto Rocha, do PSB, também eleito. “O PSDB e o PSB foram determinantes para a minha vitória. Não posso ignorar isso”, afirmou. “Não posso dar cavalo de pau em transatlântico e trem”, disse ao Jornal O Estado de S.Paulo, justificando seu apoio ao PSDB.

Pérola

Não existe racionamento, existe administração da disponibilidade de água

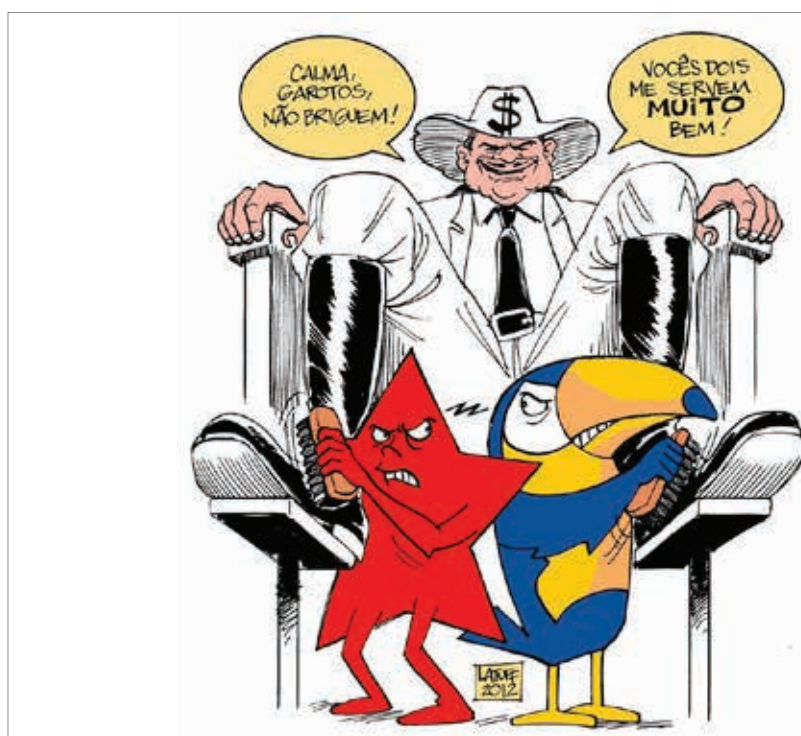


DILMA PENA, presidente da Sabesp (Empresa de Saneamento Básico de SP), tentando disfarçar a falta d'água para quase metade da população da Grande São Paulo

Perseguição

O prefeito de Taboão da Serra (SP), Fernando Fernandes (PSDB), está em franca perseguição a professora Sandra Fortes, liderança das lutas do funcionalismo municipal e da direção da Apeesp – Sub-sede Taboão. Sandra é acusada pelo prefeito de “aliciamento de menores”. Tudo porque os alunos de Sandra a questionaram sobre as razões da greve da categoria

que durou 20 dias. Solidários, resolveram escrever cartas ao prefeito pedindo a negociação e melhorias nas condições de ensino. A solidariedade do movimento e de todos os ativistas é necessária para barrar este ataque às lutas e às lideranças dos trabalhadores. Entre no Portal do PSTU e saiba como enviar a moção de apoio a Sandra.



Latuff

Rosnando contra o capital



Sempre na primeira fila e disposto a enfrentar a coluna de policiais e seu arsenal de gás lacrimogêneo, morreu no último dia 10, Lukánikos, um cão que se tornou símbolo (e mascote) dos protestos ocorridos na praça Syntagma, Grécia, contra os ajustes impostos aos gregos pela União Europeia e FMI. Figura fácil em fotografias publicadas em jornais, Lukánikos passou a dizer “presente” em todas as manifestações, saltando para a primeira linha dos oprimidos, rosando e ladrando contra as muralhas policiais. Morreu de ataque cardíaco. Há quem diga que prematuramente e esgotado pela sua militância.

CLT na mira

Desde os tempos do governo FHC, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) esteve na mira das elites do país. No entanto, agora, políticos e organizações patronais uniram-se para pressionar o Congresso Nacional pela aprovação do Projeto de Lei 4330/2004, do deputado e

empresário do setor de alimentos Sandro Mabel (PMDB-GO). Este projeto autoriza a terceirização de qualquer função nas empresas. Na mesma direção, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprecia o recurso da fabricante de celulose Cenibra, condenada em todas as instâncias por ter

ceirizar trabalhadores em suas atividades-fins. O relator, ministro Luiz Fux, acolheu o recurso da indústria. O processo aguarda parecer da Procuradoria Geral da República. Uma eventual vitória da Cenibra afetaria toda a regulação jurídica das relações de trabalho no país.

O ataque de Alckmin



Foto: Romerito Pontes

Três dias após a reeleição, Alckmin e o Metrô suspenderam a reintegração de um grupo de metroviários.

No último dia 8, os metroviários de São Paulo, readmitidos graças à forte campanha pela reintegração dos 42 demitidos, receberam a notícia de que o Metrô e o governo do Estado recorreram e conseguiram suspender a liminar expedida em decisão judicial pela reintegração do primeiro grupo de trabalhadores demitidos.

Embora nem o sindicato, nem os trabalhadores tenham

recebido a notificação, a advogada dos metroviários, Eliana Ferreira, que acompanha o caso e tem lutado para reverter esta situação que se evidenciou como clara perseguição política, recebeu a notícia ao comparecer na última quarta-feira no Fórum.

Segundo Camila Lisboa, uma das metroviárias demitidas, o sindicato pretende recorrer e barrar esta suspensão.

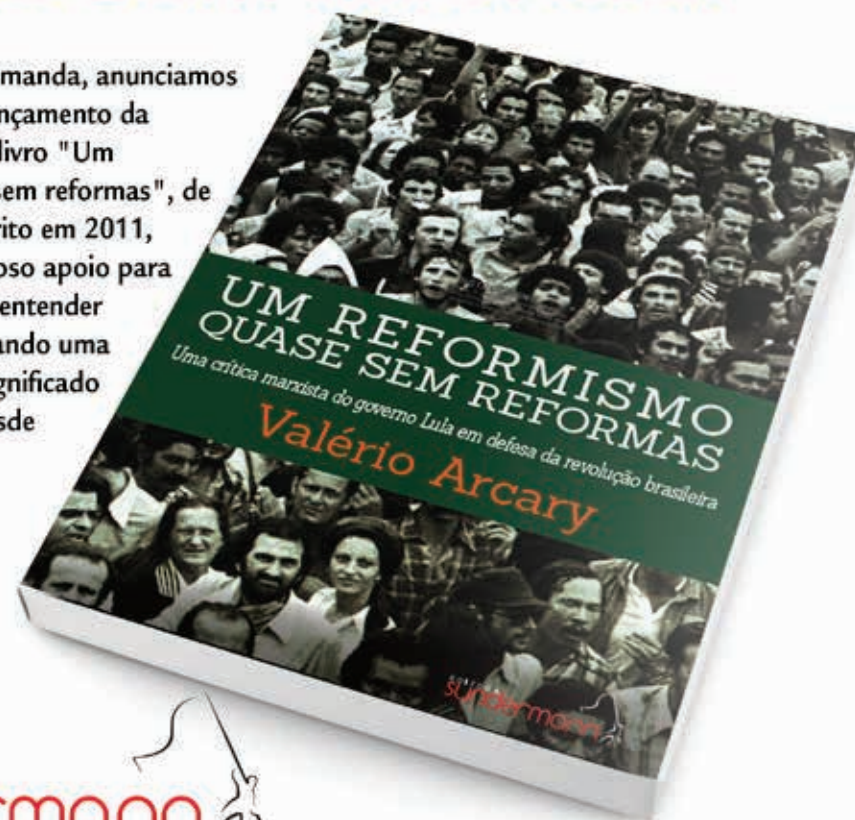
A luta continua, e a campanha pela readmissão de todos os demitidos pelo Metrô seguirá forte, até a vitória!

Um reformismo quase sem reformas

Devido à grande demanda, anunciamos com satisfação o lançamento da segunda edição do livro "Um reformismo quase sem reformas", de Valério Arcary. Escrito em 2011, esta obra é um valioso apoio para todos que desejam entender melhor o PT, realizando uma análise crítica do significado do governo Lula desde uma perspectiva marxista.

R\$35

EDITORA **sundermann**



Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opinioao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc| pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELEM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C. 201. Centro
MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9944-2375 | (44) 9856-5034

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410
www.pstupe.org.br

PIAUI

TERESINA - R. Quintino Bocaiuva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458
rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972
pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430 psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409
pstugauchoblogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186
pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910
pstu.sjriopreto@gmail.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

SUZANO - Rua Manoel Moreira de Azevedo, 162, Centro | (11) 4743.1365

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530

Organizar a luta contra os ataques que virão do futuro governo!

As eleições ainda não acabaram, mas os trabalhadores já podem esperar e se preparar para lutar contra ataques aos seus empregos, salários e direitos.

Os efeitos da crise econômica ainda não são evidentes em função das eleições. Mas, depois do segundo turno, serão jogados sobre as costas dos trabalhadores por Aécio ou por Dilma.

O aumento nos preços da gasolina, da energia elétrica e dos transportes são defendidos abertamente pelo candidato tucano.

O ministro da fazenda de Dilma, Guido Mantega, também disse que o preço da gasolina vai subir ainda este ano. Na verdade, o governo tem liberado algumas concessionárias de energia elétrica para aumentar as tarifas. O que nos espera com certeza é um reajuste geral de preços depois das eleições.

Além disso, vão realizar um ajuste fiscal cortando gastos soci-

ais para economizar mais dinheiro para pagar os juros da dívida, que consomem mais de 40% do orçamento.

Com a economia em recessão e a indústria em crise, o desemprego tem crescido. A queda no emprego em agosto foi de 3,6% em relação a agosto de 2013. Os salários também caíram 1,6% em relação a agosto do ano passado. Várias empresas forçaram os trabalhadores a aceitarem *lay-off*, ou seja, a dispensa temporária do trabalho que, na prática, significa demissão ao fim do prazo.

A diretora do FMI, Christine Lagarde, já disse que recomendará ao futuro governo brasileiro a realização da reforma trabalhista e também de infraestrutura. Tanto o FMI quanto os grandes empresários exigem a redução do chamado custo Brasil. Isso implica, principalmente, em reduzir o custo da mão de obra, desonerando a folha de pagamento com isenções de im-

postos para empresários e flexibilização dos direitos dos trabalhadores.

A terceirização também pode avançar no próximo governo. O projeto do deputado Sandro Mabel (PMDB), base do governo Dilma, por exemplo, autoriza as terceirizações nas atividades-fim nas empresas. O projeto está tramitando no Congresso Nacional e autoriza a terceirização em todas as funções dentro das empresas. Recentemente, o Supremo Tribunal Federal acatou o recurso de uma empresa de celulose para que seja aceita a terceirização em todas as funções dentro da empresa.

A verdade é que o próximo governo, para honrar os compromissos com bancos, grandes empresários que financiaram suas campanhas e também com o FMI, vai atacar os trabalhadores. Por isso, é necessário preparar a classe trabalhadora para lutar seja qual for o governo eleito.

No segundo turno, defendemos voto nulo

Diante de um segundo turno disputado pelo PSDB e o PT, entendemos as razões que levam muitos trabalhadores a acharem que é melhor votar em Dilma para derrotar Aécio. Respeitamos a opinião dos que pensam assim e queremos estar junto com estes e com todos os trabalhadores nas lutas que teremos pela frente para defender nossos direitos. No entanto, queremos manifestar a opinião do nosso partido pelo voto nulo e as razões pelas quais a adotamos.

O PSTU defendeu nas eleições um programa operário e socialista para o país. Um programa para garantir vida digna aos trabalhadores e para o povo pobre, por saúde, educação, moradia, transporte, aposentadoria, reforma agrária, emprego e salário digno. Para assegurar o respeito aos direitos dos LGBTs, o fim do machismo e do racismo. Que ponha fim à violência e à criminalização da pobreza e das lutas dos trabalhadores e da juventude.

Para atingir estes objetivos, de-

fendemos avançar em medidas para colocar fim ao controle que os bancos, as empreiteiras, as multinacionais e as grandes empresas têm sobre nosso país. Esta é a única forma de acabar com a injustiça e a desigualdade.

O segundo turno das eleições será disputado por duas candidaturas que não defendem este programa. Aécio é o representante direto dos bancos e das grandes empresas. Seu governo seria igual ao de FHC que privatizou, entregou o patrimônio do Brasil às multinacionais e atacou os direitos dos trabalhadores.

A continuidade do governo do PT, com Dilma, tampouco vai trazer as mudanças que os trabalhadores precisam. Depois de 12 anos de governo petista, é forçoso reconhecer que este partido tem governado privilegiando os mesmos interesses que o governo anterior. Ao buscar uma aliança com bancos e grandes empresas (representados pelos Sarney, Collor e Maluf da vida), o PT não mudou nem vai mudar o país.

O Bolsa Família leva do orçamento cerca de R\$ 24 bilhões por ano. Já o Bolsa Banqueiro – dinheiro público que sai do orçamento para engordar os lucros dos bancos – chega a R\$ 900 bilhões por ano. Ou seja, a prioridade continua sendo os bancos e não os pobres.

Com a desaceleração da economia que estamos assistindo, o que está em preparação desde já são mais ataques aos trabalhadores. Vai ser assim em um eventual governo do PSDB, mas, infelizmente, pelo que se viu nos últimos 12 anos, também num governo do PT.

Como dissemos no primeiro turno, o PSTU acredita que o voto é um gesto político que fortalece quem o recebe. Nossa opinião é que não podemos fortalecer nenhuma das alternativas que estão disputando o segundo turno. Por esta razão, vamos votar nulo no segundo turno e fortalecer a organização e a luta dos trabalhadores, pois é na luta que reuniremos condições para mudar nosso país.

Uma campanha junto à classe

Da Redação

Ao contrário dos políticos e partidos tradicionais, que gastam milhões em propaganda eleitoral em busca do voto a qualquer custo, a campanha do PSTU tinha um alvo bem definido: a classe operária. Em todo o país, esta foi a prioridade das candidaturas do partido, levando alternativas socialistas, conversando com os trabalhadores e, nas portas das fábricas e nos bairros populares, apresentando um programa para mudar o Brasil.

Apesar de não ter eleito nenhum deputado, o partido sai dessa campanha eleitoral fortalecido e, sobretudo, mais próximo da classe operária. Veja como foram algumas das campanhas do PSTU nessas eleições.

SP: Toninho tem mais de 22 mil votos

Em São Paulo, a campanha de Toninho Ferreira, candidato a deputado federal, foi uma das maiores já realizadas pelo PSTU. Toninho é um dirigente histórico, foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região e ganhou destaque na defesa das famílias do Pinheirinho, brutalmente despejadas pela polícia de Alckmin em 2012. A campanha de Toninho foi realizada em todo o estado, mas principalmente na região de São José dos Campos. “Concentramos a campanha nos bairros operários, sobretudo na Zona Sul da cidade e



Toninho Ferreira e Luis Carlos Prates “Mancha” entregam panfletos em fábrica de São José dos Campos (SP).

em Jacaré”, disse Toninho. A candidatura teve amplo apoio inclusive em fábricas cujos operários estavam de braços cruzados, como na LWL. A campanha de Toninho também participou ativamente da campanha salarial da GM.

A campanha empolgou a militância e reuniu o apoio de, além de sindicalistas e dirigentes do movimento popular, intelectuais e professores como o jornalista José Arbex Jr., o jurista Jorge Luiz Souto Maior, o professor da Faculdade de Direito da USP Marcus Orione e o professor da USP, Vladimir Safatle. Os 22.854 votos garantiram a Toninho o segundo lugar na

Frente de Esquerda e a primeira suplência para deputado federal, além de uma autoridade ainda maior para seguir representando as lutas dos trabalhadores e do povo pobre.

MG: 26 mil votos e campanha na classe e nos bairros populares

Em Minas Gerais, a candidatura de Vanessa Portugal para deputada estadual pela Frente de Esquerda, que reuniu PSTU, PSOL, Brigadas Populares e PCR, foi uma tribuna da luta dos trabalhadores e do povo pobre no estado. Vanessa e a militância do PSTU estiveram nas fábricas da capital e da

região de Contagem. O partido também fez campanha entre os metalúrgicos das fábricas de Itajubá, entre elas a Mahle, antiga Cofap, que demitiu centenas de trabalhadores este ano. A candidatura de Vanessa defendeu a estatização da empresa.

A campanha também foi às ocupações por moradia, como a Ocupação William Rosa, que enfrenta a ameaça de despejo e, principalmente, no bairro do Barreiro, bairro popular com cerca de 300 mil pessoas. “Tivemos uma grande vitória nesse processo eleitoral, fizemos uma campanha extraordinária, fomos para as ruas, para a TV e Internet, defendendo o nosso

programa”, afirmou Vanessa. Ela destacou, ainda, que a campanha animou a militância e ativistas que há muito tinham perdido o interesse pela luta. Vanessa teve 26.221 votos.

RJ: PSTU vai aos estaleiros e favelas

“Fizemos nossa campanha, principalmente, na classe operária, nas portas das fábricas, nos estaleiros e nos bairros operários”, disse o presidente do PSTU-RJ, Cyro Garcia, candidato a deputado federal. A campanha se concentrou em bairros como Jacarezinho, Madureira e complexo de favelas da Maré, atualmente ocupado pelo Exército. Maré que, inclusive, foi o local escolhido pelo partido para o pontapé inicial da candidatura de Zé Maria à Presidência.

“Conversamos com o povo pobre e os trabalhadores, falando sobre a necessidade do fim das UPPs, da desmilitarização da PM, a estatização da saúde, da educação, do transporte público, e tivemos uma receptividade muito grande”, contou Cyro, que teve 8.737 votos. A campanha, que teve a candidata negra Dayse Oliveira a governadora, também atingiu regiões como a Baixada Fluminense e teve inserção em escolas, bancos e, inclusive, na Petrobras, principalmente entre os trabalhadores terceirizados, com o candidato a deputado estadual, Brayer Lira.

Dayse enfrentou o duro boicote da imprensa, sendo vetada no debate da Globo. Mesmo assim, obteve 33.442



Militantes entregam panfletos no centro de Belo Horizonte; Dayse Oliveira, candidata à governadora no Rio; Nestor com operários em Fortaleza (CE)

ssse operária

votos. “Nossa maior conquista não foram os votos, mas os operários que aproximamos e o trabalho que iniciamos nas fábricas, estaleiros e nesses bairros”, afirma Cyro.

SE: Vera e PSTU saem fortalecidos

Em Sergipe, a candidata a deputada federal pelo PSTU, Vera Lúcia, teve representativos 15.193 votos, ou 1,55% do total de votos para a Câmara. Vera, que já é uma reconhecida figura pública da esquerda na região, fortaleceu sua imagem e a do PSTU, sobretudo entre a classe operária e nos bairros populares.

A campanha de Vera se concentrou em regiões operá-

rias como o bairro de Santa Maria, na capital Aracaju, além de cidades operárias como Laranjeiras e Carmópolis. A campanha conseguiu expressivo apoio entre os trabalhadores terceirizados da Petrobras, cimenteiros e operários da construção civil.

CE: Campanha operária e votação expressiva

Pela primeira vez, desde que o PT é governo, o PSTU conseguiu ultrapassar, no Ceará, a barreira de 10 mil votos na disputa proporcional (11.804 para deputado federal e 11.263 para deputado estadual). Nesse universo de votos, não há como não destacar os 8.778 votos dados a

Nestor, candidato do partido a deputado estadual. Essa votação foi obtida, majoritariamente, nas 15 cidades da região metropolitana, principalmente em Fortaleza, Caucaia e Maracanaú, onde está concentrada a classe operária.

No caso de Fortaleza, os votos cresceram nos bairros populares onde residem os trabalhadores: Barra do Ceará, Bom Jardim, Granja Portugal, Genibaú, Ailton Senna, Parque Dois Irmãos, Vila Velha e Siqueira. Sob o lema “O peão que incomoda o patrão”, a campanha conseguiu mobilizar os canteiros de obra e mostrou a força da classe operária. ■



Vera Lúcia em panfletagem num bairro popular de Aracaju (SE)

Foto: Sérgio Koei



Cláudia Durans - mulher, negra e socialista - vice de Zé Maria, defendeu o fim da exploração e de toda forma de opressão.



Foto: Romerito Pontes

Zé Maria discursa durante atividade organizada pelo movimento LGBT no vão do MASP, em São Paulo; durante a atividade, Zé Maria também assinou uma carta se comprometendo com as pautas do movimento

Uma campanha socialista contra o machismo, o racismo e a homofobia

Nesta campanha, o PSTU foi o partido que teve, proporcionalmente, o maior número de candidatas mulheres e de candidatas e candidatos negros e indígenas segundo o levantamento do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Isto não é por acaso. Nosso partido tem uma grande participação das mulheres trabalhadoras, pois tem um programa permanente de combate ao machismo. O PSTU tem uma grande participação de negras, negros e descendentes de indígenas, que são a maioria dos setores mais explorados da nossa classe. E, no PSTU, todos os LGBTs encontram um instrumento para o combate sistemático à homofobia.

A luta contra a opressão da mulher, dos negros e dos homossexuais é parte do programa da libertação dos trabalhadores. É uma luta combinada com a luta contra a exploração, pelo fim da sociedade de classes e pelo socialismo. Por isso, denunciamos em nossa campanha que direitos democráticos como a legalização do aborto, a desmilitarização

da polícia e o fim da repressão policial aos negros e negras, assim como a criminalização da homofobia, não são garantidos no Brasil.

No país que é considerado a sétima economia do mundo, mulheres, negros e LGBTs morrem pela violência e ausência de direitos. Temos uma legislação conservadora, machista, racista e homofóbica. Por isso, assistimos ao triste episódio com o candidato Levy Fidélis dizendo que os homossexuais eram uma minoria que deveria ser combatida pela maioria, sem que ele tivesse qualquer punição. Enquanto isso, mais LGBTs são assassinados todos os dias.

Nossos candidatos levantaram um programa de combate a todas as opressões e foram além: também disseram que as opressões recaem pesadamente sobre os ombros da classe trabalhadora. São as mulheres trabalhadoras que morrem por não existir a legalização do aborto. São os negros e negras das periferias que estão morrendo pela violência policial. São os LGBTs pobres e traba-

lhadores que mais morrem pelos crimes homofóbicos.

Cláudia Durans, candidata à vice-presidente, expressou o sentimento de toda a nossa militância com esta campanha: “Com alegria e muito orgulho, cumpri a tarefa de candidata a vice-presidente junto com Zé Maria”.

“Como mulher, negra, assistente social, professora universitária, maranhense, pude me dirigir a milhares de negras, negros e mulheres que, como eu, sofrem diariamente com este sistema injusto, opressor e humilhante. Não foi tarefa fácil enfrentar o reino do capital, encarnado nos banqueiros, latifundiários e grandes empresários. Sabemos a luta desigual que enfrentamos, o isolamento que nos impôs a mídia burguesa, nos excluindo dos debates e da TV”, disse. Cláudia reafirmou estar feliz pela tarefa que cumpriu: “levamos um programa para que a nossa classe realize transformações profundas na realidade brasileira e para que homens, mulheres, crianças e velhos possam viver felizes neste país e no mundo”.

Reportagem

Belém do Pará: campanha

Jeferson Choma
direto de Belém (PA)

Canteiro da Cirela, da Avenida Augusto Montenegro, Belém. São seis e meia da manhã, e uma fila de operários aguarda sua vez para tomar café no refeitório. A fila anda rápido. Em poucos minutos, vai começar mais uma dura jornada de trabalho nessa imensa obra.

Nas primeiras horas do dia, o sol abrasador dessa região da Amazônia ainda não demonstra todo o seu vigor. De repente, a rotina do refeitório é interrompida. É Ailson Cunha, presidente do Sindicato da Construção Civil de Belém e candidato a deputado estadual pelo PSTU, que entra chamando todo mundo para escutar o que o partido tem a dizer. Antes, porém, oferece o **Opinião Socialista** aos operários. “Nós queremos que essa campanha seja financiada pelos trabalhadores. Ao mesmo tempo que vocês comprem o jornal e nos ajudam, ajudam a vocês a entenderem por que o voto útil é aquele que não vai fazer você se arrepender,

como diz nosso companheiro Zé Maria”, anuncia exibindo a capa do jornal. Nas mãos de Ailson, em dois ou três minutos, são vendidos mais de 20 exemplares do Opinião, que também trazia uma matéria sobre a vitoriosa greve da construção civil, que aconteceu dias antes. Mas Ailson não está satisfeito. Explica que vende muito mais jornal. “O problema é que amanhã será dia de pagamento, então muitos operários estão sem dinheiro hoje”, lamenta.

Fora do refeitório, ele anuncia a presença de Cleber Rabelo, servente de ferreiro e vereador, candidato a deputado federal. Calmo e em tom bastante didático, Cleber inicia seu diálogo com os trabalhadores.

“O patrão colocou na nossa cabeça várias ideologias, que a gente acaba reproduzindo, mas que vêm contra nós”, explica a uma plateia silenciosa e atenta. “O patrão diz que não devemos nos meter em política sem dinheiro, pra dizer que só ele é quem tem dinheiro e pode se meter”, diz.

O vereador operário prossegue: “Alguns dizem:

‘eu não quero saber de política, eu quero saber do meu salário’. Mas a política define um monte de coisa que corroi o nosso salário. O aumento de 34% da tarifa da luz foi decidido pela política, e ele rói direto nosso salário. E depois da eleição vai vir mais ataques. Vai ter aumento do combustível, que vai aumentar o gás e a cesta básica”, afirma.

“Se tiver uma voz para falar por nós, para denunciar nossos problemas, isso será muito importante. Nós queremos esse mandato para apoiar a luta dos trabalhadores, apoiar as lutas e as greves, que é o que a gente vem fazendo. Se você pegar o Congresso Nacional, 273 dos deputados são empresários, 160 são fazendeiros”. Neste momento, a sirene da obra toca, interrompe Cleber, mas ninguém arreda o pé. Cleber então arremata: “Companheirada, não vamos votar em candidato do patrão. Bora votar num trabalhador que defende a nossa classe”, chama o candidato que já tem o rosto totalmente iluminado pelo sol. ■

Ailson Cunha
e Cleber
Rabelo

conversam com
os operários
em canteiros de
obra em Belém



Fotos: Jeferson Choma

O dia a dia da campanha

A presença de Cleber e Ailson nos canteiros de obra foi uma rotina desta campanha. Todos os dias, eles são percorridos pela manhã, na hora do almoço e na saída, às 17h. Mas engana-se quem pensa que essa dinâmica ocorre apenas em épocas de eleições. Na verdade, expressa o amplo trabalho de base que é realizado pelo sindicato, filiado à CSP-Conlutas, junto aos trabalhadores, como explica Daniela, a Loira (foto), ajudante de servente e diretora do sindicato. Em meio à campanha eleitoral, são dados informes sobre as conquistas da greve e recados aos engenheiros e administradores responsáveis pela obra, que insistem em assediar moralmente os operários.



“Trabalhador vota em trabalhador”

Essa foi a frase que mais ecoou nos canteiros durante a campanha de Cleber e de Ailson. “A gente tem que acreditar em nós, porque a gente só acredita em nós mesmos quando é para erguer os prédios. Nós fazemos as melhores construções, os melhores apartamentos pro rico morar. Agora, tem outra força companheiros. Se nós nos juntarmos, a gente governa esse Estado. Mas é preciso ter consciência política. Trabalhador tem que acreditar naquele que tá na luta”, fala Zé Gotinha, dirigente do sindicato, diante de um refeitório repleto de operários. Sua fala só é interrompida pelos gritos “é Cleber Rabelo, Cleber, dezesseis, dezesseis!”.



No meio da campanha, uma greve vitoriosa

Não faltou luta durante a campanha eleitoral. Durante as atividades de campanha, explodiu uma greve de 15 dias por reajuste, cesta básica, plano de saúde e classificação e qualificação das mulheres.

Ainda era fresca a memória daqueles dias difíceis em que a patronal tentou derrotar o movimento. “A greve foi muito boa. A patronal foi intransigente, não queria dar nosso aumento, mas nós lutamos, lutamos. O último dia da greve foi o mais emocionante. Eles (os patrões) não queriam dar nossa cesta básica, mas a Justiça teve que entrar do nosso

lado”, explica o jovem operário Edielson Souza. Ele trabalha como servente e, na carteira, tem registrado um salário de pouco mais de R\$ 700. Mas assegura que, no mês, consegue “ganhar mais de mil reais, trabalhando muito em horas extras”. Edielson conta que faz entre 40 a 44 horas extras mensalmente. Hoje, Edielson faz parte do PSTU. “O que me atrai no PSTU é a luta a favor dos mais necessitados, a consciência política que o partido tem. Pra mim, o PSTU é uma faculdade que me ensina diversas coisas que eu não fazia nem ideia”, explica.

vai aos canteiros de obras

Presente nos bairros operários

As campanhas de Cleber e Ailson não ocorreram apenas nos canteiros de obras. Entraram, também, nos imensos bairros populares da cidade em comitês de campanha. A imensa maioria dos bairros de Belém é resultado de antigas ocupações. Durante a campanha, foram criados comitês nos bairros Terra Firme, Tapanã, Augusto Motenegro (Cabanagem), Icoaraci, Mosqueiro, Guamá, além de um em Barcarena, cidade próxima a Belém, e em Paraupabas, interior do Pará. A campanha também atingiu bairros como o Che Guevara, Águas Lindas e municípios como Abaetetuba.

Os comitês realizavam atividades diárias de campanha, percorrendo canteiros, realizando caminhadas nas ruas e feiras, mobilizando a comunidade e organizando reuniões para debater e apresentar propostas dos candidatos operários e do PSTU. Tudo ao som de um eletrizante jingle que ficava gravado na mente o dia todo. Também realizaram cadastros de todos aqueles que declaravam seu voto a favor de Cleber ou Ailson e distribuíram materiais para os apoiadores. Percorrendo os bairros, se via muros pintados pelos próprios moradores, casas com cartazes da campanha e moradores pedindo adesivos e panfletos.

Numa dessas caminhadas, Cleber mostrou o bairro do Icuí, onde viveu, em Ananindeua, numa casa construída por ele mesmo por mais de 16 anos.



Foto: Jefferson Choma



Foto: Andréa Neves

Parede de bairro operário, pintada em apoio à candidatura de Cleber e Ailson; abaixo, Cleber Rabelo agradece Joana

“Foi durante 16 anos que, nos finais de semana, junto com os primos e amigos, construímos essa casa que ainda está inacabada, num bairro que surgiu de uma ocupação onde não tem rede de esgoto, nem água encanada. Mas essa é a vida da nossa classe”, explicou. Antes de ser empregado na construção civil, Cleber, que é filho de pescador do Maranhão, vendia limão numa feira.

Muitas outras atividades de campanha foram abraçadas de forma espontânea por apoiadores. Uma delas foi uma feijoada que reuniu professores, realizada uma semana antes das eleições em Ananindeua. “Fiz um empréstimo de R\$ 600 reais no Banpará pra fazer essa feijoada e ajudar a campanha do Cleber”, disse Joana Carmen, professora da rede pública de ensino.

Um peão na roça, um seringueiro na obra



Foto: Jefferson Choma

Cleber Rabelo e Osmarino Amâncio visitam a ocupação Mártires de Abril, em Mosqueiro

“O Cleber se parece com nós, a luta dele parece com a nossa luta, dos agricultores e dos trabalhadores rurais. Eu sei que ele é da construção civil, mas a gente construiu tudo junto. E também porque ele se mostra humilde, fala com a gente de igual pra igual”. As palavras são da sorridente Dona Gê, camponesa e militante do MST e da ocupação Mártires de Abril, em Mosqueiro.

Durante a atividade de campanha na região, Cleber apresentou as propostas do partido e discutiu seu programa para o campo, defendendo a reforma agrária e a necessidade de apoiar a agricultura familiar. Atualmente, o Pará é o estado com maior número de conflitos agrários no país em razão do avanço do latifúndio e do agronegócio. O assenta-

mento existe há dez anos e, assim como os assentamentos Paulo Fontes e Elizabete Teixeira, também envolvidos na campanha, não conta com nenhuma ajuda dos governos federal e estadual, nem do Incra.

A atividade contou com a força de Osmarino Amâncio, líder seringueiro que lutou ao lado de Chico Mendes em defesa da Amazônia. O seringueiro também esteve presente nos canteiros de obras, conversando com os operários e relatando sua experiência. “O seringueiro tem que ir ao operário, o operário tem que se juntar com o seringueiro. A categoria de trabalhadores tem que estar junta em todos os momentos. Apoiar o Cleber é apoiar um operário da construção civil, que é quem faz e produz a riqueza do nosso país”, disse Osmarino.

PSTU sai fortalecido da campanha

No que se refere ao resultado eleitoral, a candidatura de Cleber obteve 7.718 votos, e de Ailson, 4.117 votos. Apesar de não ter conquistado uma vitória eleitoral, não há dúvidas de que o PSTU saiu muito mais fortalecido da campanha em Belém. A campanha adentrou os bairros

operários, correu canteiros de obras e se alastrou para outros municípios.

No total, foram realizados 7.725 mil cadastros pelos comitês de campanha. Também houve novas filiações ao partido. No total, foram 843 novas filiações. E o que é mais importante, pelo menos 63

operários começaram a discutir sua integração ao PSTU. “Isso, pra nós, é motivo de orgulho muito grande. São mais operários dentro do nosso partido. Por isso, saímos mais fortalecidos. O papel nosso agora é continuar nos bairros operários e nas obras”, afirmou Cleber.



Operário da construção civil faz cadastro de apoio às candidaturas do PSTU



Fotos: Romero Pontes

Nem Aécio, nem Dilma rep



Mariúcha Fontana
Da Redação

Quem enxergasse apenas a fotografia do momento e visse, novamente, PT *versus* PSDB disputando um segundo turno pensaria: este filme eu já vi. Faz 20 anos que, nas eleições presidenciais, existe uma disputa entre estes dois partidos.

Se, por um lado, tudo parecia que ia ser igual, depois de junho de 2013, as eleições ficaram totalmente indefinidas. Tivemos um primeiro turno marcado por reviravoltas e por um enorme descrédito nos políticos. Mas se o povo foi às ruas pedir mudança, por que o segundo turno parece um velho quadro tão batido?

O descontentamento com a qualidade de vida – reflexo da situação econômica, social e política do país – é o que promove enorme desejo de

mudança. Essa sede de transformação levou milhões às ruas em junho de 2013 e expressou-se, ainda que distorcidamente, nas urnas.

Por que distorcidamente? Porque as eleições expressam de maneira deformada os verdadeiros desejos dos trabalhadores. Não há igualdade na disputa. Não importa se é PT, PSDB ou uma falsa alternativa como Marina, o poder econômico está por trás dessas candidaturas que prometem uma coisa e depois fazem outra. O processo eleitoral, que não é nada democrático, não dá espaço para que verdadeiras alternativas apareçam, porque não interessa aos grandes empresários e financiadores de campanhas que as coisas realmente mudem.

Ainda assim, o desejo de mudança, expresso nas ruas em junho de 2013, nas greves deste ano e nas manifesta-

ções contra a Copa, estava colocado. Mas o cardápio das candidaturas principais oferecido pelas eleições permitia apenas escolher entre opções que nada mudariam de fato, fosse num governo do PT, Marina Silva ou Aécio Neves. O fenômeno, conhecido também como voto útil, vai se intensificar ainda mais no segundo turno.

No dia 26 de outubro, muitos trabalhadores e jovens votarão no PT por se lembrarem do governo FHC e considerarem o PT um mal menor. Outros votarão em Aécio, como uma espécie de voto de castigo no PT. Mas, ganhe quem ganhar, o próximo governo vai se chocar contra a maioria do povo que ainda quer melhores condições de vida, mas receberá ataques aos direitos, arrocho dos salários e um tarifaço nas contas de luz, gasolina e nos transportes. ■



Junho de 2013 e as eleições

Junho abriu uma nova situação política no país. A juventude, em sua maioria empobrecida e precarizada, saiu às ruas para exigir melhores serviços públicos e melhores condições de vida.

Afinal, os 12 anos de governo do PT, aliado a banqueiros, empreiteiras, multinacionais, corruptos e conservadores como Renan, Collor, Kátia Abreu etc., deixaram empresários muito felizes. Como disse o próprio Lula: “nunca ganharam tanto dinheiro como no meu governo”. Para os trabalhadores e o povo, sobrou muito menos.

Os trabalhadores e a juventude protestaram nas ruas à revelia do PT, da própria CUT e da UNE – que, no passado, dirigiram greves e enfrentamentos. Muita gente no andar de cima começou até a se preocupar se o PT ainda seria capaz de conter as mobilizações, como fez nos últimos anos.

De toda maneira, essas manifestações desestabilizaram o cenário político nacional e acirraram a disputa pelas definições dos rumos do país. Por um



lado, a classe média descontente ora gira para a direita tradicional, ora tenta se convencer de uma saída intermediária com ares de faxina ética ou nova política, tão inconsistente e insustentável quanto a primeira. Por outro, a juventude e a classe trabalhadora retomam o caminho das lutas e da força coletiva fazendo greves por todo o país.

Esses protestos e lutas sociais, que movimentam o país desde o ano passado, ainda não mostraram todo o poder de mobilização da classe trabalha-

dora. Em junho, as manifestações populares e da juventude não tiveram na sua vanguarda a classe trabalhadora organizada como tal, com seus métodos, como greves e piquetes que param a produção e enfrentam o capital. Estavam diluídos como indivíduos. Ainda que as greves estejam sendo retomadas, está claro que é preciso avançar, unificar e organizar todos os setores em luta para combater os governos e os interesses dos banqueiros e grandes empresários que eles defen-

dem. Governos que, incluindo o do PT, reprimem e criminalizam os trabalhadores e jovens que saem às ruas.

Depois de junho, com as mobilizações e greves mais ousadas e mais fortes, a direita mais conservadora também reagiu, gerando uma maior polarização social e política. Daí que alguns estão falando em onda conservadora ou, ainda, numa guinada à direita do movimento de massas. Esses setores acreditam que a única saída é defender o governo do PT contra essa suposta onda da direita. Não concordamos com essa opção.

Na realidade, o que acontece é uma polarização das lutas sociais que leva a uma forte reação dos setores conservadores. Muitas vezes, o desejo de mudança e a revolta existentes, por não se encontrar uma alternativa de esquerda ao atual governo, acaba capitalizado por alternativas eleitorais de direita. Mas, longe de uma adesão programática à direita, o que querem esses trabalhadores descontentes é melhorar seu nível de vida, coisa

que nem Aécio, nem Dilma vão fazer, justamente porque representam setores expressivos da classe dominante que, inclusive, os financiam. Portanto, cabe aos lutadores e socialistas se prepararem para as lutas que virão e ganharem os trabalhadores para a construção de uma alternativa socialista.

Não é possível construir nenhuma alternativa da classe trabalhadora e de esquerda apoiando Aécio, nem aliando-se ao PT, que governa com figuras como Sarney, Maluf, Michel Temer, em prol dos interesses da Friboi, das automobilísticas, das empreiteiras e dos banqueiros. Basta olhar para o financiamento das campanhas para ver que Dilma e Aécio defendem interesses dos patrões.

Os trabalhadores precisam se preparar para entrar em campo com toda a sua força para impedir os ataques que virão e levantar um programa que combata a exploração, a patronal e seu Estado capitalista para mudar de verdade o Brasil ao invés de ficar nessa enganação de nova política que não muda nada.

Apresentam os trabalhadores

Missão cumprida!

Zé Maria
da Direção Nacional do PSTU

Eu quero saudar e parabenizar o esforço político da nossa militância e agradecer a todos e todas que, não sendo militantes do nosso partido, nos ajudaram e apoiaram. Cumprimos nossa missão, e ela foi bastante vitoriosa dentro daquilo a que nos propomos.

Apresentamos e discutimos com operários, trabalhadores e jovens uma alternativa operária e socialista para nosso país. Debatesmos necessidade de um governo dos trabalhadores, sem patrões, para fazermos as mudanças que o país precisa.

E, principalmente, discutimos, francamente, com a nossa classe que um governo assim só poderá governar e realizar as mudanças que precisamos apoiado num amplo processo de mobilização social. Não é o voto que vai mudar nossa vida. É essa luta que vai construir um Brasil justo, igualitário e socialista.

Assim, nossa campanha esteve a serviço das lutas dos trabalhadores e de uma estratégia de transformação socialista para o nosso país. Tão importante quanto tudo isso, foi que conseguimos fazer uma campanha voltada para a classe operária. Abrimos, assim, o caminho para o fortalecimento do PSTU no operariado.

Eleitoralmente, podemos dizer que tivemos uma boa votação para as candidaturas prioritárias do partido. Não elegemos nenhum deputado, mas avançamos na construção de lideranças políticas em vários estados.

A votação para nossa candidatura à Presidência foi modesta, um pouco superior à da eleição passada. Pesou muito no nosso resultado o papel da TV e a ausência nos debates.

Nosso partido não atua só nas campanhas eleitorais, nossa luta é todo dia, nas greves, ocupações e manifestações dos trabalhadores e da juventude. Continuamos, então, a nossa jornada!



Fotos: Ramó Alcântara



Fotos: Romerito Pontes

O único voto que fortalece nossa luta é o voto nulo

Sabemos que, entre os trabalhadores, neste momento, há muitos que entendem ser necessário votar em Dilma (PT) para evitar a volta da direita, na medida em que Aécio (PSDB) é a volta de FHC. Outros falam em votar em Aécio como uma espécie de castigo no PT, porque se sentem traídos.

Entendemos e respeitamos aqueles que votam no mal menor, mas pensamos que é equivocado neste momento votar em qualquer destas duas candidaturas, porque as duas têm compromissos, alianças e um programa em benefício de empresários e banqueiros.

A crise econômica que se inicia levará qualquer destas duas candidaturas a tomar medidas duras contra os trabalhadores e a reprimir novas lutas. Vão manter as alianças espúrias, o que levará ao processo de toma-lá-dá-cá em que a corrupção de sempre seguirá adiante. Assim, nossos interesses mais mínimos e democráticos serão sempre sacrificados em nome da governabilidade.

O voto nulo é o único que fortalece a classe trabalhadora e a juventude. Desde já, precisamos nos organizar pra que não joguem a crise nas nossas costas. Que os ricos paguem pela crise!

O fenômeno Marina Silva

Nestas eleições, Marina Silva canalizou de maneira distorcida a insatisfação de junho de 2013. Chegou a ameaçar a reeleição de Dilma e, inclusive, a ida do PSDB ao segundo turno.

Marina buscava aparecer como porta voz de uma nova política, mas se revelou

mais do mesmo – tanto no primeiro turno, com apoiadores da velha política, quanto no segundo ao declarar apoio ao PSDB.

Dessa forma, ela caiu pelo peso das suas próprias contradições e já deu para ver que esse papo de nova política não muda grandes coisas.



O show da falta de democracia nas eleições

J. Figueira
da Secretaria Política

A ausência de resposta dos candidatos a presidente para a declaração homofóbica e preconceituosa de Levy Fidelix durante o debate realizado pela Rede Globo gerou uma grande indignação e uma constatação: faltou Zé Maria, o candidato do PSTU, nos debates. Certamente, se Zé Maria tivesse participado, Levy Fidelix, que incitou o ódio contra LGBTs, não ficaria sem resposta.

Esse lamentável episódio chamou a atenção para a falta de democracia nas eleições. A exclusão de candidatos dos debates realizados pelas emissoras de televisão é apenas um exemplo de um sistema político antidemocrático.

O processo eleitoral, que sempre é apresentado como a solução para todos os males, é cheio de vícios e problemas que impedem a igualdade de condições de disputa entre os candidatos, e a liberdade de escolha para os eleitores. Na verdade, existe democracia somente para os ricos, que têm condições econômicas e acesso aos meios de comunicação. Para os trabalhadores, resta votar de dois em dois anos como prevê a legislação.

Quem são os donos da bola?

Grandes empresas financiam as campanhas do PT, PSDB, PMDB e PSB

Em mais uma eleição, ficou evidente a interferência do poder econômico e dos meios de comunicação. Banqueiros, empreiteiras e agronegócio financiam livremente seus candidatos. As televisões, por sua vez, só mostram aqueles que defendem seus interesses.

A prestação de contas parcial apresentada pelos candidatos ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) demonstra isso de forma gritante. Além de os gastos de campanha serem astronômicos, mais de R\$ 1 bilhão até o momento, a maioria das doações foram privadas. Vieram de pessoas jurídicas, sendo que mais da metade das contribuições são de apenas 19 empresas. Os grandes beneficiados foram o PT, PSDB, PMDB e PSB.

O Grupo JBS, dono da Friboi, doou, até agora, R\$ 113 milhões ou 11% do total doado. O PT foi o partido que mais recebeu dinheiro: R\$ 28,8 milhões. O setor fi-

nanceiro, com destaque para o Bradesco, tem duas das dez maiores empresas doadoras. Dessas, cinco são grupos do ramo da construção, como OAS, Andrade Gutierrez, UTC Engenharia, Queiroz Galvão e Odebrecht.

O financiamento privado desequilibra a disputa eleitoral e realimenta a corrupção do sistema, pois possibilita caixa dois e contratos superfaturados. Mas os problemas não param aí.

Sem espaço

Outras medidas antidemocráticas também comprometem o sistema político. Uma delas é o fundo partidário, fonte para criação de partidos de aluguel. O tempo diferenciado no Rádio e na TV para os partidos, a proibição de candidaturas avul-

sas e a imposição de um coeficiente eleitoral para eleição de parlamentares são outros elementos que, além de antidemocráticos, alimentam alianças sem princípios.

Isso é assim porque vive-

mos numa sociedade capitalista baseada na exploração de uma classe sobre outra. O Estado e o regime político, a democracia burguesa, estão a serviço da manutenção dessa dominação.



Democracia foi feita nas ruas em junho de 2013

Que democracia é essa?

O mito da democracia e da mudança pelas eleições, da decisão pelo voto, é uma ilusão reacionária. Defendido inclusive por setores ditos de esquerda, é uma farsa que só serve para confundir os trabalhadores.

Lênin, dirigente da Revolução Russa, em sua obra, *O Estado e a Revolução*, afirmou: "A sociedade capitalista, considerada nas suas mais favoráveis condições de desenvolvimento, oferece-nos uma democracia mais ou menos completa na República democrática. Mas essa democracia é sempre comprimida no quadro estreito da exploração capitalista; no fundo, ela não passa nunca da democracia de

uma minoria, das classes possuidoras, dos ricos. A liberdade, na sociedade capitalista, continua sempre a ser, mais ou menos, o que foi nas repúblicas da Grécia antiga (...). Os escravos assalariados de hoje, em consequência da exploração capitalista, vivem por tal forma acabrunhados pelas necessidades e pela miséria, que nem tempo têm para se ocupar de 'democracia' ou de 'política'."

A burguesia, com as eleições, alimenta a ilusão de que os trabalhadores decidem com seu voto. Assim, procura legitimar sua dominação.

Na sociedade de classes em que vivemos, a única possibilidade de mudança pa-

ra que os próprios trabalhadores controlem a ordem política, econômica e social será através da ação coletiva da classe trabalhadora. Os trabalhadores, individualmente, om seu voto, não decidem nada. Somente a organização e a mobilização dos trabalhadores poderão garantir mais liberdades democráticas e uma verdadeira democracia.

Como Zé Maria já disse, "é necessário mudar tudo isso que esta aí". Queremos não só ele e todos os candidatos nos debates, mas uma democracia pra valer, uma democracia operária baseada na mobilização permanente das massas.

Por que o PSOL defende voto em Dilma?

Zé Maria
Da Direção Nacional do PSTU

Quatro dos cinco deputados federais eleitos pelo PSOL divulgaram uma nota em nome da bancada parlamentar do partido chamando a votar na candidata do PT, Dilma Rousseff, no segundo turno das eleições. Este gesto político concreto traduz, nos fatos, o contorcionismo político da nota divulgada pela direção do PSOL.

É a maneira pela qual este partido reage à pressão pelo voto no menos pior. A pressão se baseia numa ideia que está na moda neste momento político, a de que há uma onda conservadora atropelando tudo e que explicaria o voto em Aécio Neves (PSDB). Logo, seria preciso resistir a ela votando no menos pior, ou seja, na candidata do PT.

Esta ideia serve para ajudar o PT a encobrir sua própria responsabilidade. É fato que os direitistas de todas as matizes – homofóbicos, machistas, racistas – e que parte expressiva do grande empresariado vota em Aécio, o identifica como seu representante mais legítimo. Mas isso não explica toda a votação do PSDB.

Muitos dos votos dados a Aécio vêm de milhões de trabalhadores e trabalhadoras que simplesmente se decepcionaram, sentiram-se traídos pelo PT ou que simplesmente estão muito descontentes com o governo do PT.

São votos de oposição, que manifestam o desejo de mudanças no país e que, na falta de uma alternativa de massas da esquerda, são capitalizados pelo PSDB. São votos que estão longe de aderir programaticamente a Aécio ou a uma onda conservadora. São votos de castigo ao PT.

Se entendessem isso, os dirigentes do PSOL saberiam que falar em menos ruim para justificar o voto no PT é o mesmo que ajudar este partido a manter os trabalhadores prisioneiros do falso dilema de que qualquer movimento para



Jean Wyllys, Marcelo Freixo, Ivan Valente e Edmilson Rodrigues, principais deputados do PSOL, declaram publicamente o apoio à Dilma

construir uma alternativa de classe, independente dos padrões e socialista, seria fazer o jogo da direita. O PT, depois que buscou aliança com banqueiros e grandes empresários e governa para eles há 12 longos anos, é uma das alternativas deles, da burguesia.

Limites do programa

No entanto, este gesto político do PSOL através de suas figuras mais reconhecidas, combina com o que foi a campanha deste partido. Analisemos rapidamente dois aspectos: o programa defendido durante a campanha e o critério de independência financeira e política em relação à burguesia.

No debate da Globo, seguramente o momento de maior audiência do PSOL durante a campanha, não se ouviu da candidata Luciana Genro ne-

nhuma defesa da suspensão do pagamento da dívida, da estatização dos bancos, da reestatização das empresas privatizadas ou da nacionalização das terras, com expropriação do latifúndio e de grandes empresas do agronegócio. Ou seja, ela não defendeu um programa anticapitalista, que apontasse para uma sociedade socialista. Foi importante a defesa dos direitos democráticos e civis das mulheres, negros e negras, LGBTs, assim como é importante defender a taxação das grandes fortunas. Mas isso é insuficiente para compor uma alternativa de classe, que possa garantir o atendimento às demandas dos trabalhadores e do povo pobre.

Financiamento

O PSOL aceitou o financiamento de um grande grupo

empresarial, o grupo Zaffari. Em anos anteriores, o PSOL já havia aceitado financiamento da Gerdau. Sabemos todos que independência financeira é essencial para que haja independência política de classe e que, sem isso, não há luta consequente contra o capitalismo. Portanto, não se pode desconhecer a gravidade deste gesto. O PT começou a se transformar no que é hoje trilhando justamente este caminho.

A explicação dada pela candidata do PSOL, em vídeo que circulou pela internet, é mais preocupante ainda. Diz que a doação não tem importância, afinal de contas a posição do PSOL não mudou por tê-la recebido. Ora, alguém já ouviu algum dirigente do PT dizer que mudou a posição do partido porque está sendo financiado por grandes empresas?

Não é assim que as coisas funcionam. A cooptação tem sido a arma mais importante utilizada pelo capitalismo desde o século passado para destruir organizações da classe trabalhadora. Ou o PSOL acha que o grupo Zaffari, um conglomerado com mais de nove mil empregados, doou recursos para o partido porque preza a democracia?

Ao ver a participação do PSOL nas eleições em sua totalidade, fica mais compreensível a posição adotada pela sua direção e por seus deputados no segundo turno. Se o programa do partido fica limitado à defesa da radicalização da democracia e se sequer a independência econômica e política de classe é um princípio, então fica menos complicada a defesa do voto em Dilma no segundo turno. ■

Estudantes de Hong Kong desafiam ditadura chinesa

Marcos Margarido,
de Londres (Inglaterra)

Acabamos de ter o primeiro turno da eleição no Brasil. Vários partidos apresentaram candidatos e divulgaram seus programas, inclusive o PSTU que é socialista e de oposição ao governo.

Porém o que você diria se o governo fizesse uma escolha prévia dos candidatos de

acordo com a ideologia de cada um? Provavelmente, isso parece mais com ditadura do que com democracia.

Foi isso que aconteceu em Hong Kong e causou grandes mobilizações. Em 31 de agosto, o governo da China informou à população de Hong Kong que uma comissão de 1.200 pessoas, representantes dos banqueiros e empresários, selecionaria os candidatos à

eleição de 2017 para o governo da cidade. O candidato não poderia se opor ao partido que está no poder na China, nem ao governo de partido único. Isto é, seria uma eleição sem candidatos de oposição.

No dia 26 de setembro, 15 mil estudantes ocuparam as ruas do centro financeiro de Hong Kong e foram atacados pela polícia com bombas de gás lacrimogêneo e gás pimenta. As cenas de

repressão foram mostradas pela TV, e a população indignada se dirigiu ao centro para apoiar os estudantes. Tudo muito parecido com junho de 2013 no Brasil.

O pico da ocupação ocorreu no dia 28, quando mais de cem mil pessoas ocuparam três regiões no centro da cidade. A partir do dia 3 de outubro, houve um esvaziamento. Faltou uma liderança política para dar perspectiva ao movimento. Também

faltou a participação dos trabalhadores de forma organizada por seus sindicatos. A Confederação Sindical de Hong Kong lançou a ideia de uma greve geral, mas não a colocou em prática. O governo e as principais lideranças iniciaram um diálogo sobre o processo eleitoral, mas o governo central da China já avisou que não vai voltar atrás, e os protestos podem recomeçar. ■



Guarda-chuva em punho: usado pelos estudantes para se protegerem do sol, objeto tornou-se símbolo das mobilizações ao se converter em escudo contra os jatos de pimenta da polícia chinesa

Um só país capitalista, uma só ditadura

Na China, aconteceu uma revolução socialista em 1959. O Partido Comunista (PC) tomou o poder, ocupou as fábricas e expulsou os patrões. A maioria deles, ingleses e japoneses, tinham transformado a China numa colônia onde os camponeses morriam de fome. Apesar dos muitos erros cometidos pelo novo governo, aos poucos a situação de fome foi vencida. Fábricas estatais foram construídas, a classe operária cresceu e se fortaleceu. A China, mesmo continuando a ser um país atrasado, tinha uma economia voltada aos interesses dos trabalhadores e dos camponeses. Mas nunca houve democracia. O PC governava o país com mão de ferro.

Em Hong Kong, por sua vez, os patrões não foram expul-

sos, e continuou sendo uma colônia inglesa. Lá também não tinha democracia. Nos 150 anos de colonização inglesa, nunca houve eleição para o governo da cidade e também não há desde 1997, quando Hong Kong voltou a fazer parte da China.

Porém, a partir de 1978, o próprio PC, que esteve à frente da revolução socialista, começou um processo de retorno à economia capitalista. Primeiro no campo, com a expropriação da terra de milhões de camponeses para permitir a criação de empresas com grande número de mão de obra a baixos salários. Depois, com a criação de zonas especiais, onde as multinacionais se estabeleciam sem nenhum controle. Por fim, com a privatização de milhares de es-

tatais, o que significou o fim de várias conquistas dos trabalhadores, como a estabilidade no emprego e o direito à moradia, saúde e educação gratuitas.

Foi assim que a China se tornou a fábrica do mundo, inundando o mercado com produtos baratos à custa da superexploração da classe operária. Hoje, a China é colonizada economicamente pelos Estados Unidos, que mantêm ótimas relações com o governo chinês, apesar de ser uma ditadura.

Mas o PC permaneceu no poder embora já não fosse comunista, apesar do nome. Seus dirigentes são empresários riquíssimos, e vários dos maiores milionários chineses são membros deste partido.

Algo mais do que o direito ao voto

Longe de ser uma luta da democracia em Hong Kong contra o suposto comunismo na China, o que se vê hoje é a luta de uma população contra os governos de Hong Kong e China, pois ambos são ditaduras que apoiam o capitalismo. A juventude e os milhares de trabalhadores que se juntaram à luta exigem o direito de votar sem nenhuma censura prévia do governo.

Hong Kong tornou-se um dos maiores centros financeiros do mundo e porta de entrada para a abertura de fábricas na China. Esta luta pela democracia pode acabar com os privilégios dados pelo governo aos bancos e empresas que se estabelecem lá e, por isso, com sua fonte de lucros.

A falta de democracia serve para manter um dos sistemas

mais desiguais do mundo. Em Hong Kong, um em cada cinco habitantes vive abaixo do limite de pobreza. Não há direito à negociação salarial, não há seguro desemprego, nem aposentadoria.

Por isso, o governo chinês se nega a conceder o direito pleno de voto à população de Hong Kong. Há muito mais em jogo do que uma cédula na urna eleitoral.

25 anos de Racionais MC's

Di3rio da periferia

Catarina Zardo
de S3o Paulo (SP)

Quem vai a shows de rap, sabe: os artistas sempre d3o nomes 3s pessoas e aos lugares. N3o basta dizer “obrigado a todos”, “caro p3blico” ou “voc3s 3i da periferia”. N3o. Eles sobem no palco, estufam o peito e comeam: Cidade Tiradentes, S3o Mateus, Cap3o Redondo, Graja3, Independ3ncia e toda a seq3ncia poss3vel, por maior que seja, de bairros da periferia (no caso, paulistana). Na hora de agradecer, n3o s3o a “todos aqueles” 3 “Valdir, Sandra, Bebe e F3tima, Time Tranbicagem, Diego, Pach3, Larr3i, Wilian, Cora, Paulinho, Bicudo e Tico e Catraca” (Truta e Quebradas) estando ou n3o vivos.

Chamar as coisas pelo nome e contar sua hist3ria. Porque n3o h3 melhor forma de dizer algo que existe. E 3 isso que tem feito Racionais MC's nos 3ltimos 25 anos. Dar nome aos verdadeiros bandidos: capitalismo, racismo, pol3cia assassina. Dar nome ao negro, pobre, morador da periferia que, n3o fosse o rap, n3o passaria de mais um n3mero na estat3stica do governo ou um indigente de vala comum. E dar nome ao bairro, ao local onde milhares de jovens negros e pobres nascem, crescem e criam ra3zes.

Com 25 anos de carreira, o Racionais MC's, principal express3o do rap nacional, 3 formado por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis

Sim3es). Eles iniciaram sua trajet3ria em 1988, quando as m3sicas “P3nico na Zona Sul” e “Tempos Dif3ceis” estouraram na colet3nea *Consci3ncia Black Vol. 1*.

A crise econ3mica e o racismo escancaravam ainda mais a desigualdade social fazendo do Brasil um *Holocausto Urbano*, nome do primeiro 3lbum, de 1991. Com a m3sica “Racistas Ot3rios”, o grupo de Mano Brown coloca, pela primeira vez, o tema de maneira t3o direta e verdadeira na mesa da cultura brasileira.

Nos anos seguintes, o desemprego e o arrocho salarial continuavam protagonistas na vida da periferia em cada esquina de bar, na porta da escola, na ida para o trabalho ou em um simples “Fim de Semana no Parque”. Esse 3 o nome da m3sica do 3lbum *Raio X do Brasil*, de 1993, o terceiro disco deles, que, junto com a faixa “Homem na estrada”, foi respons3vel pelo boom nacional.

Em 1994, os artistas fizeram uma apresenta3o no centro de S3o Paulo que terminou em confronto com a PM, e os membros foram presos. Diante de uma realidade cruel, racista e desumana na cultura e na periferia, viver n3o era a regra, a regra era seguir *Sobrevivendo no Inferno*, 3lbum de 1997, que lanam cl3ssicos das m3sicas de protesto como “Cap3tulo 4, vers3culo 3”, “Di3rio de um detento”, “T3 ouvindo alg3m me chamar” e “Qual mentira vou acreditar”.

N3o por acaso, Racionais MC's ficou conhecido por ter avers3o 3 m3dia. Mano Brown,

quando questionado, dizia que a m3e tinha lavado muita roupa de playboy para chegar onde eles estavam. J3 nos anos 2000, o grupo estava mais consolidado e passou a aparecer mais na m3dia para difundir o rap, sem perder de vista o car3ter de den3ncia. Eles lanam mais dois 3lbuns: *Nada como um dia Ap3s o Outro Dia*, com os sucessos “Vida Loka I”, “Vida Loka II”, “Negro Drama” e “Jesus Chorou”, em 2002; e *Mil Trutas, Mil Tretas*, primeiro DVD do grupo, em 2006. Dois anos atr3s, tamb3m lanam a m3sica “Mil Faces de um Homem Leal”, composta para um document3rio sobre a vida do guerrilheiro Carlos Marighella.■



Foto: Romerito Pontes

Origem do nome Racionais MC's

Foi inspirado no disco *Racional*, de Tim Maia. A m3sica “Ela Partiu”, do disco *Tim Maia e Convidados* (1977), deu origem 3 batida de “O Homem na Estrada” um dos maiores sucessos do grupo. Isso revela tamb3m boa parte da influ3ncia da batida musical que passa, tamb3m, por funk, Jorge Ben Jor e pelos bailes que a m3e de Mano Brown frequentava.



Rap: Ritmo e Poesia

O termo RAP 3 uma abreviatura para Rhythm And Poetry, que significa Ritmo e Poesia. No Brasil, 6 de agosto 3 o dia do Rap Nacional.



A quest3o das mulheres

Se, por um lado, Racionais acerta o alvo quando o tema 3 den3ncia social e pol3tica e combate ao racismo, por outro, escorrega quando o assunto 3 mulheres. Eles reproduzem nas letras tanto o machismo sutil quanto escancarado – como no caso da faixa “Mulheres Vulgares”, em que condenam certas pr3ticas apenas por serem mulheres: “*Envolve qualquer um com seu ar de ingenuidade / na verdade, por tr3s mora a mais pura mediocridade / te domina com seu jeito prom3scuo de ser / Como se troca de roupa, ela te troca por outro*”.

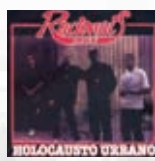
LINHA DO TEMPO



1984
Show do Public Enemy em S3o Paulo



1988
As faixas “P3nico na Zona Sul” e “Momentos Dif3ceis” saem na colet3nea de rap “Consci3ncia Black Vol. 1” e estouram na periferia paulistana



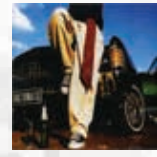
1991
Lanam o 3lbum Holocausto Urbano



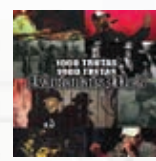
1992
Lanam o 3lbum Escolha seu caminho



1997
Lanam o 3lbum Sobrevivendo no Inferno



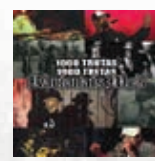
2002
Duplo Nada como Um Dia Ap3s o Outro Dia, com os sucessos “Vida Loka I”, “Vida Loka II”, “Negro Drama”, “Jesus Chorou” e “Estilo Cachorro”



2004
Show com Jorge Ben Jor para a grava3o do DVD Mil Trutas Mil Tretas



2009
Pr3mio H3tuz, criado pela Central Unica das Favelas (CUFA) na categoria Melhores Artistas da D3cada



2012
Clipe “Mil faces de um homem leal”, com m3sica composta para um document3rio sobre a vida do guerrilheiro Carlos Marighella, que recebeu o pr3mio de melhor videoclipe do ano no V3deo Music Brasil



Louvor ao estudo

Bertolt Brecht

Estuda o elemental!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Estuda o abecê. Não basta, mas estuda!
Não te canses. Começa. Tens de saber tudo.
Estás chamado a ser um dirigente.
Aprende, homem no asilo!
Aprende, homem na prisão!
Aprende, mulher na cozinha!
Aprende, ancião!
Frequenta a escola, desamparado!
Persegue o saber, morto de frio!
Empunha o livro, faminto! É uma arma!
Estás chamado a ser um dirigente.
Não temas perguntar, camarada!
Não te deixes convencer!
Compreende tudo por ti mesmo.
O que não sabes por conta própria, não sabes.
Confere a conta. Tens de pagá-la.
Aponta com teu dedo a cada coisa e pergunta:
“O que é isto? E como é?”
Estás chamado a ser um dirigente.

Aos livros, camaradas!

Henrique Canary
Fundação José Luis
e Rosa Sundermann

Você acabou de ingressar no PSTU. Ou está prestes a ingressar. Ou talvez não ingresse e permaneça como um amigo de nosso partido, nos ajudando sempre que possível. Você conhece o PSTU como uma organização de homens e mulheres ativos que fazem constantes chamados à luta. Agora, queremos fazer outro chamado que quase nunca fazemos, mas que é muito importante: um chamado ao estudo.

Por que estudar?

A classe operária não tem nada. Somente suas mãos, seus nervos, seus músculos e sua inteligência. Armados com isso, os operários produzem toda a riqueza do mundo, mas não usufruem dela. Todos os dias, os operários entregam quase metade do seu tempo ao trabalho, do qual não tiram muita coisa além do mínimo necessário para sobreviver. Para o operário, o trabalho não é uma forma de expressar sua inteligência e seu talento. Ao contrário, o operário reprime sua própria inteligência e seu talento em nome do trabalho. “Isso não é vida!”, pensa. Para ele, a vida começa do portão da fábrica para fora: em casa, no bar, no estádio. No entanto, por necessidade, o trabalho prossegue. E no dia seguinte, ele está de volta.

Mas enquanto trabalha, se desenvolve no operário certo instinto: o do comunismo. O operário percebe a exploração e luta contra ela. Além disso, se solidariza com seus companheiros sempre que vê uma injustiça. Ele não sabe explicar, mas sente que um ódio contra os ricos e os poderosos o corrói por dentro. Ele é um verdadeiro comunista, sem sequer saber disso.

Às vezes, ele se revolta. Mas em geral, a revolta do operário diz respeito apenas às condições de trabalho: salário, PLR, equipamentos de segurança etc. A princípio, não

há nada que leve o operário a lutar por um novo mundo, pois desde pequeno ele foi ensinado a acreditar que talvez seja possível mudar sua própria vida, mas não o mundo. “Mudar o mundo inteiro? Loucura!”, pensa o operário.

Mesmo quando ele procura o sindicato, em 99% dos casos, o líder sindical só o instrui (na melhor das hipóteses!) para a própria luta sindical: só lhe fala do aumento, do vale refeição e do acordo coletivo. Estas são questões importantes, mas não bastam. Se as coisas permanecem assim, o instinto comunista do operário não se transforma em ação comunista efetiva. Permanece limitado, preso. Sua revolta se esvai.

Percebendo essa estranha realidade, dois filósofos alemães do século 19, Karl Marx e Friedrich Engels, decidiram que era hora de transformar o instinto comunista dos operários em ação comunista real. Era preciso direcionar as lutas da classe trabalhadora não apenas contra patrões e governos, mas para a luta pela transformação radical do mundo, pela destruição do capitalismo e pela construção de uma nova sociedade onde imperasse a igualdade, onde aqueles que produzem as riquezas (os operários) fossem também os senhores da Terra.

Mas como chegar a essa nova sociedade? Buscando essa resposta, Marx e Engels começaram a estudar a história, a economia e a filosofia a fim de entender como funciona o capitalismo e como ocorrem as mudanças sociais. Eles tiveram sucesso. Criaram um novo sistema social e traçaram com nitidez o caminho até ele. O que era apenas um instinto virou ciência. Surgia o socialismo científico ou marxismo: a ciência da libertação da classe trabalhadora.

Ora, ciência é ciência! Qualquer um sabe que não se aprende física, química ou biologia apenas na prática, olhando como se faz. É preciso ler, estudar, adquirir uma base teórica sólida. Com o socialismo acontece o mesmo: como toda ciência, precisa ser estudado.

Operários intelectuais

A burguesia tem muito medo dos operários rebeldes, corajosos e honestos. Mas ela tem mais medo ainda dos operários que, além de tudo isso, possuem conhecimento. Os operários que sabem são mais perigosos porque podem convencer seus colegas, porque são seguros de si e confiam em suas próprias ideias. Um operário pode inspirar seus companheiros através do exemplo. Mas aquele que, além do exemplo pessoal, oferece argumentos, números e conceitos alcança muito mais.

O eletricitista desleixado sabe passar a fiação obedecendo ao esquema elétrico. Mas só sabe isso. E nem quer saber mais. Já o eletricitista dedicado sabe melhorar o esquema original e até criar o seu próprio esquema. Ele resolve problemas, supera obstáculos. Ele sabe que, por trás daquele amontoado de linhas, há uma massa de conhecimentos. E ele os domina, esse é o seu orgulho. Com o socialismo, acontece o mesmo. A luta pelo socialismo é um ofício (e dos mais difíceis!) que exige conhecimento e preparação. Por trás de uma simples greve, há uma infinidade de conhecimentos históricos, políticos e econômicos que somente um profissional preparado é capaz de dominar. Mas todo operário pode ser esse profissional. Nenhum operário tem a obrigação de dominar todos os conhecimentos acumulados pelo socialismo científico desde o século 19 até hoje. Da mesma forma, nenhum eletricitista tem a obrigação de saber absolutamente tudo sobre elétrica. Mas tanto o eletricitista quanto o operário socialista, se quiserem executar bem as suas tarefas, têm de se preparar, ler, estudar.

Assim, todo operário consciente deve se esforçar para se tornar um intelectual de sua

própria classe, da classe trabalhadora. O intelectual operário não é aquele que sabe tudo, mas aquele que luta permanentemente para aumentar sua própria cultura e a de seus colegas. É todo aquele que aprende, ensina, pergunta e nunca se cansa de querer saber.

O primeiro passo

Os operários socialistas lutam para transmitir aos outros operários uma nova visão de mundo e de futuro. Nessa luta, o livro socialista é a primeira arma que o operário empunha. Daí nosso chamado: Continuem nas greves, nas lutas e nos piquetes! Mas dediquem uma parte de seu tempo ao estudo, ao seu próprio aperfeiçoamento. Organizem grupos de leitura! Cursos! Palestras! Abordem os companheiros mais velhos e peçam que lhes expliquem cada palavra, cada conceito, os fatos e personagens de cada revolução, a história de sua própria classe. E se ninguém souber, que estudem todos juntos!

É preciso um compromisso: todo operário ou operária que aprenda algum novo conceito ou algum fato histórico deve repassá-lo adiante: na fábrica, no canteiro de obras e dentro do partido. Todos devem aprender com todos. É preciso que cada um abra em si e no outro o apetite pelo saber.

Aqueles que têm dificuldade com a leitura devem começar justamente por aí: por superar essa dificuldade. Se necessário, retornar à carteira escolar. Nunca será tarde.

Ao final, teremos os melhores ativistas de nossa classe transformados em socialistas sólidos como rocha, em revolucionários profissionais, em autênticos marxistas. Será uma longa caminhada. E como toda longa caminhada, começa com um primeiro passo: abrir um livro.

Pra começo de conversa

Para aqueles que começam agora seus estudos sobre o socialismo científico, uma boa sequência de livros pode ser a seguinte:

O que é...

Conceitos fundamentais de política, economia e sociedade

Henrique Canary



O Manifesto Comunista

Karl Marx e Friedrich Engels

Do socialismo utópico ao socialismo científico

Friedrich Engels

O que é o marxismo?

Milcíades Peña



A mulher e a luta pelo socialismo

Cecília Toledo (org.)

Marx, Engels, Lenin, Clara Zetkin e Trotsky



Peça em:

editorasundermann.com.br

Ou ao companheiro que lhe vendeu este jornal!



QUEREMOS VOCE NO PSTU

Da redação

Quermos nos dirigir a você, trabalhadora, trabalhador, jovem, estudante, operário ou operária, que nos conheceu nesta campanha eleitoral. Que participou de lutas e greves junto com a gente, que já foi em nossas palestras e atividades em nossas sedes, que recebeu o Opinião Socialista e que votou em nossos candidatos.

Dissemos, durante a campanha, que as eleições não mudariam a vida dos trabalhadores e que precisaríamos muito mais do que o seu voto. Precisaríamos de vocês na luta contra toda exploração e opressão.

Agora, independentemente de quem ganhe as eleições presidenciais, sabemos que virão mais ataques aos trabalhadores. Ataques como aumento de tarifas, cortes dos gastos públicos, reformas trabalhistas e previdenciárias que vão retirar direitos. Os governos vão atacar os trabalhadores pra manter e ampliar os lucros dos patrões.

Este sistema já fez suas apostas tanto em Aécio quanto em Dilma. É por isso que várias empresas financiaram as campanhas de um e de outro.

Os empresários e banqueiros esperam que o próximo governo continue honrando os compromissos com os bancos, pagando a dívida interna e externa, que só cresce com os maiores juros do mundo. Por isso, cortam o orçamento da saúde, da educação, dos transportes, da moradia e da reforma agrária para pagar os juros da dívida aos banqueiros.

Não temos outra saída a não ser nos organizarmos de forma coletiva para lutar. Eles estão dispostos a retirar o pouco que ainda temos. Estão dispostos a trazer mais sofrimento e mi-

séria às nossas vidas. Precisamos nos organizar para nos defendermos. Mas só é possível lutar para derrotá-los construindo um instrumento para isso, o partido revolucionário.

A juventude que foi às ruas em junho de 2013 não terá futuro se não derrotar este sistema. Não existe futuro para nós e para nossos filhos se não derrotarmos aqueles que querem nos explorar cada vez mais.

Nós do PSTU defendemos, nestas eleições, que é necessário um programa para construirmos um governo dos trabalhadores sem patrões. Um plano que começa por deixar de pagar a dívida aos banqueiros, que diminua a jornada de trabalho, que aplique muito mais recursos na educação e na saúde públicas e que pare de dar dinheiro aos empresários. Também defendemos a reestatização das empresas privatizadas, assim como de todas que demitem. Defendemos que a economia deixe de servir aos capitalistas, e que as riquezas passem a servir, de fato, à classe que as produz.

Um partido para lutar contra as opressões

Também defendemos a mais ampla democracia para mulheres, negros e negras, juventude, indígenas e LGBTs. Defendemos a legalização do aborto, a desmilitarização da polícia, a legalização das drogas, a demarcação de terras indígenas, a titulação de terras quilombolas e a criminalização da homofobia. Sabemos que não será o Congresso Nacional eleito, ainda mais conservador, que vai aprovar tais medidas. A falsa democracia dos ricos não garante o atendimento das reivindicações democráticas. A luta deve ser junto com a classe trabalhadora também pelas liberdades de-

mocráticas e para derrotar este Congresso.

É necessário lutarmos por um governo dos trabalhadores sem patrões, apoiados nas mobilizações e organizações da classe trabalhadora, sem qualquer confiança em nenhum governo e em nenhum congresso dos ricos. A classe confiou no PT por mais de 30 anos, e o PT prometeu um mundo novo fazendo acordos com os patrões. Agora, uma parte grande da classe trabalhadora já não confia mais no PT, porque qualquer proposta de mundo novo junto com os patrões é uma ilusão, uma mentira.

As vitórias para os trabalhadores dependerão de sua própria capacidade de se organizar. O PSTU se dispõe a ser essa ferramenta para a organização de todos que querem construir uma organização socialista e revolucionária.

Nosso partido funciona com a mais ampla democracia interna. Mas atuamos todos juntos depois que tomamos as nossas decisões e lutamos de forma unificada contra os governos e os patrões.

Precisamos nos fortalecer e estarmos mais junto à classe operária. Precisamos de vocês que nos conheceram e gostaram de contribuir de várias maneiras com o PSTU nestas eleições para dar um novo passo: se organizar no PSTU e nos ajudar a construir o partido necessário para a classe trabalhadora, pois sem organização revolucionária não se pode vencer.

Porque outro mundo socialista é possível!

Porque a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores!

Porque as revoluções são impossíveis até que se tornem inevitáveis!

Porque temos o direito de ter sonhos e de acreditar neles! ■

